

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

**A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA REFLEXÃO:
um relato de uma experiência docente em gênero e sexualidade³**

Leandra Batista de Azevedo⁴

Patricia Schons⁵

Tânia Welter⁶

Resumo: Esta comunicação apresenta um relato sobre a realização da “Oficina Gênero e Sexualidade”, realizada em novembro de 2013, na EEB Marechal Bormann, localizada em Chapecó/Santa Catarina, envolvendo estudantes de ensino médio e alguns docentes. A oficina, cujo objetivo principal foi estimular a reflexão sobre questões de gênero e sexualidade com jovens estudantes, foi dividida em quatro módulos, objetivando primeiramente ouvir relatos e depois promover o contato de estudantes com as teorias de gênero e sexualidade, instrumentalizando-os para refletir sobre as experiências vividas. Foram utilizados recursos didáticos diversos, como “dispositivos”, teatro, produção de cartazes e textos, debates e aula expositiva. Essa atividade proporcionou: a) às coordenadoras uma experiência de atuação docente numa formação em gênero e sexualidade; b) à escola uma oportunidade de formação diferenciada sobre gênero e sexualidade para estudantes, docentes e outros/as profissionais da educação; e c) aos/às estudantes que participaram da oficina um espaço para expressarem opiniões, desabafos e dúvidas, e também de debates e construção de conhecimento coletivo. Percebeu-se que a escola é um espaço importante para troca de conhecimentos, reflexões, problematizações, estímulo para relações tolerantes e respeito às diferenças, inclusive de gênero e sexuais.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidades. Diversidade. Escola.

**SCHOOL AS A SPACE FOR REFLECTION:
an account of a teaching experience in gender and sexuality**

Abstract: This paper presents a report of the workshop entitled "Gender and Sexuality", which took place in November 2013 at the Marechal Bormann Elementary School, in Chapeco (Santa Catarina, Southern Brazil), and involved High School students and teachers/professors. The

³ Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (FAPESC-PRONEM), à EEB Marechal Bormann e ao professor Tarcisio Brighenti pelo apoio na realização desse projeto.

⁴ Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó. Pesquisadora do Projeto “Antropologia, Gênero e Educação em Santa Catarina” (FAPESC-CNPQ). E-mail: letty_hello@hotmail.com.

⁵ Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó. Pesquisadora do Projeto “Antropologia, Gênero e Educação em Santa Catarina” (FAPESC-CNPQ). E-mail: patricia.schons@yahoo.com.br.

⁶ Doutora em Antropologia Social. Pesquisadora do Projeto “Antropologia, Gênero e Educação em Santa Catarina” (FAPESC-CNPQ). E-mail: taniawelter@yahoo.com.br.

workshop aimed at stimulating a reflection about gender and sexuality issues among young students. It was divided in 4 parts. First the participants listened to each others' testimonials. Secondly, the workshop promoted the contact between students and the Gender and Sexuality theories, providing them with tools to reflect about the shared experiences. The workshop made use of varied instructional resources and tools such as "devices", Drama, production of banners and texts, debates and lecture classes. This activity provided: a) the coordinators with a teaching experience in Gender and Sexuality related instruction; b) the school with an opportunity to have different subjects (such as Gender and Sexuality) being taught to students, teachers and other education professionals; and c) the participating students with an opportunity to express their opinions, confessions, and doubts and also to debate and build collective knowledge. It was concluded that the school is an important space for the sharing of knowledge, opinions, problematisations, the stimulation of relations which are tolerant and respectful towards diversity, including the Gender and Sexuality diversity.

Keywords: Gender. Sexuality. Diversity. School.

Introdução

A escola é um espaço importante para formação, reflexão e produção de novos conhecimentos. Ela não é o único lugar onde as questões de gênero e sexualidade devem ser refletidas, mas é um espaço privilegiado de sociabilidade e formação em que os estudantes poderão ser estimulados a refletir também sobre estas problemáticas.

Para Carrara et al. (2009, p. 45), as práticas pedagógicas estão permeadas por discursos e atitudes preconceituosas. Assim, acreditamos que, através da realização de debates, aulas teóricas, sessões de cinema, oficinas entre outras atividades, a escola pode contribuir na desconstrução e transformação desses discursos e atitudes.

Compartilhando dessas noções, foi proposta e realizada a “Oficina Gênero e Sexualidade” numa escola da rede estadual de ensino de Chapecó, estado de Santa Catarina, a qual objetivou estimular a reflexão sobre questões de gênero e sexualidade com estudantes e ensino médio.

1 Descrição da oficina gênero e sexualidade

1.1 Dados gerais

A “Oficina Gênero e Sexualidade” ocorreu nos dias 21 e 28 de novembro de 2013, na Escola de Educação Básica Marechal Bormann, localizada na área central da cidade de Chapecó, estado de Santa Catarina. Teve duração de quatro aulas de quarenta e cinco minutos, envolveu dezesseis estudantes de ensino médio, um convidado, o professor de Sociologia e Filosofia da escola e foi

coordenada por duas acadêmicas do curso de licenciatura em Ciências Sociais⁷. Foi realizada como uma atividade do programa de iniciação à docência, subprojeto Ciências Sociais, da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó⁸.

A oficina foi realizada em quatro etapas, as quais objetivaram, em primeiro lugar, ouvir relatos dos/das estudantes sobre suas experiências anteriores e posteriormente promover-lhes o contato com as teorias de gênero e sexualidade, instrumentalizando-os para refletir sobre as experiências vividas: a) apresentação da oficina, exercício sobre gênero e sexo, discussão sobre o exercício e sobre as dúvidas dos estudantes; b) reflexão sobre o exercício e depoimentos da primeira etapa, aula teórica sobre os conceitos de sexo, gênero, identidade e expressão de gênero e orientação sexual, e construção de cartaz sobre os conceitos estudados; c) revisão das categorias com base no cartaz elaborado por estudantes, realização de teatro e sistematização das impressões sobre ele; d) reflexão sobre o teatro, elaboração de produção textual, debate final e avaliação.

1.2 Objetivos

O objetivo central da oficina foi estimular a discussão sobre gênero e sexualidade em sala de aula. Para isso, optou-se por estimular o relato sobre experiências vividas e promover o contato desses/as estudantes com as teorias de gênero e sexualidade, instrumentalizando-os/as para refletirem sobre tais experiências. Em nossa compreensão, a reflexão coletiva, a produção textual e a diversidade de recursos metodológicos estimulariam a produção de novos conhecimentos e promoveriam uma mudança nas noções e atitudes dos/as envolvidos.

1.3 Metodologia

Seguindo as orientações de Barbosa (2000) sobre ensinar e aprender, optou-se pelo uso diversificado de estratégias de ensino: “dispositivos”, debates, teatro, leitura de histórias, música, produção textual e aula expositiva dialogada.

Considerou-se que o “dispositivo” foi um recurso que contribuiu para o sucesso das atividades. Trata-se de uma ação específica e diferenciada realizada com a intenção de promover a

⁷ Leandra Batista de Azevedo e Patricia Schons.

⁸ O PIDID é um programa que objetiva estimular a iniciação docente e é financiado com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O Subprojeto Ciências Sociais (PIBID/UFFS) foi realizado na EEB Marechal Bormann, entre agosto de 2012 e janeiro de 2014, tendo como supervisor o professor de Sociologia e Filosofia da escola, Tarcisio Brighenti, e como coordenadora a professora do curso de Ciências Sociais, Tânia Welter.

mudança na ordem estabelecida e chamar a atenção dos/as participantes para a atividade proposta. Nessa oficina foram utilizados dois “dispositivos”.

O primeiro “dispositivo” foi utilizado para iniciar a oficina. Sem aviso prévio, as coordenadoras colocaram uma música e iniciaram um diálogo em voz alta com questionamentos como: “O que é gênero?”, “Por que você está usando azul”, “Azul é uma cor de menino?”, “Será que homem pode usar roupa rosa?”. A ideia era que os/as estudantes fossem estimulados a refletir e ficassem curiosos sobre os conteúdos que seriam tratados a seguir, mas transcorridos alguns minutos, alguns participantes começaram a participar da performance fazendo novos questionamentos. Apenas nesse momento os objetivos e a metodologia da oficina foram apresentados.

No segundo dia da oficina, foi utilizado o “dispositivo” do lixo, o qual, além da quebra na ordem, objetivava promover uma reflexão pessoal sobre o conteúdo ministrado no encontro anterior. Assim, foi entregue aos/as estudantes um pedaço de papel no qual eles/elas deveriam escrever qual comportamento, atitude, noção ou experiência gostariam de jogar fora. Posteriormente, esses papéis foram colocados numa sacola de lixo.

Os/as participantes foram desafiados logo no início a participar do “Jogo do Gênero”, que foi organizado da seguinte forma: foi entregue aos/as participantes uma folha de papel com várias frases e eles/elas deveriam escolher se tais formas estavam fundamentadas na categoria de sexo ou gênero, sendo conteúdo apresentado no encontro seguinte. Posteriormente à realização dessa estratégia e objetivando incorporar também os conteúdos de identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual, foram produzidos diversos cartazes.

No primeiro encontro, também foi utilizado o recurso das artes cênicas, que objetivava estimular a participação, de forma improvisada, dos/as estudantes naquilo que foi definido como teatro do oprimido. Essa atividade iniciou com a leitura, feita por um estudante, do início de uma história sobre duas jovens, escrita pelas coordenadoras da oficina:

Sofia tinha 16 anos e Gabriela tinha 15 anos, são melhores amigas desde a infância, contam seus melhores segredos e passam grande parte do tempo juntas. Tanto Sofia quanto Gabriela costumavam ouvir sempre as mesmas músicas, ir aos mesmos lugares, assistir filmes juntas, entre outras atividades que segundo elas precisavam uma da outra. Em uma tarde Sofia encontra-se com Gabriela na escola [...]

Na sequência, os/as participantes foram estimulados/as a participar da história assumindo o lugar dos personagens, que eram o pai, a mãe, o irmão, o professor, o diretor e o ex-namorado de uma das jovens. Apenas após a realização dessa atividade e no encontro seguinte é que foi lido o final da história que havia sido escrito originalmente.

[...] pois precisava contar um assunto delicado a sua amiga que esperava ansiosa. As duas eram bastante apegadas, Sofia tinha problemas na família, seu pai batia na sua mãe então cedia a confiança toda para Gabriela. Sofia acaricia Gabriela com o intuito de estabelecer uma confiança maior para então contar que está tendo um relacionamento com o ex-namorado da amiga. Mas o que Sofia não esperava era que sua amiga também tinha um segredo para contar, ela estava namorando escondido com o irmão de Sofia.

Como estratégia de produção textual, foi solicitado ao grupo que elaborasse um novo final para a história “No país de Blowmink”, de Cláudio Picazio (1998), que relata a paixão entre Ivan e Marina num país onde era proibido o relacionamento entre pessoas de sexo oposto e se estabelecia a “homonormatividade”.

Com o intuito de chamar a atenção da escola para a importância da discussão de gênero e sexualidade, foram colados cartazes no entorno da sala em que a oficina ocorreu com frases como: “Oficina gênero e sexualidade”, “Qual sua orientação sexual?”, “Qual seu papel de gênero?”, “Qual é seu sexo?”, “Qual é sua identidade de gênero?”, “Você pode ser quem deseja ser?”, “Uma construção social, cultural e histórica”, “Qual é seu desejo/afetividade?”, “Como você monta seu corpo?”, “O que seria o homem brasileiro?”, “O que seria a mulher brasileira?”.

A ideia original da oficina foi enriquecida e ampliada por diversas pessoas nos inúmeros encontros de planejamento do projeto PIBID Ciências Sociais. Portanto, é resultado de um coletivo.

1.4 Referenciais teóricos

Os referenciais teóricos utilizados nessa oficina foram escolhidos com o objetivo de introduzir e problematizar os conceitos de gênero e sexualidade com estudantes de ensino médio. Para a questão histórica do conceito de gênero foram fundamentais as obras de Joan Scott (1990), Ari Sartori (2006) e Miriam Pillar Grossi (2010). Foram inspiradas na última autora as categorias de papel e identidade de gênero e orientação sexual. Sobre as diferenças entre sexo e sexualidade e a importância da formação na construção de relações igualitárias e respeito diante da diversidade, recorreu-se ao “Caderno de Conteúdos” utilizados no Curso de Formação de Professores em Gênero e Diversidade (BARRETO; ARAUJO; PEREIRA, 2009). A noção de expressão de gênero foi inspirada na aula de Arianna Sala durante o I Encontro de Formação do Projeto “Antropologia, Gênero e Educação em Santa Catarina”⁹. Durante toda a oficina, temas como diversidade, masculinidade, feminilidade,

⁹ Esse encontro foi realizado em Florianópolis, no dia 6 de novembro de 2013, com recursos da FAPESC/CNPq (edital 06/2012/PRONEM). O projeto “Antropologia, Gênero e Educação em Santa Catarina” envolve quatro Vol.3, Nº2. Maio de 2014.

heteronormatividade, homofobia e identidades trans, foram recorrentes e apareceram numa interface com marcadores sociais da diferença como classe social, religiosidade e idade.

2 Algumas reflexões sobre a oficina gênero e sexualidade

A “Oficina Gênero e Sexualidade” atingiu seus objetivos, foi uma oportunidade de planejar, estudar, refletir e produzir novos conhecimentos sobre a temática proposta e, confirmando a afirmativa de Paulo Freire (1987) sobre processos educacionais, todo o grupo envolvido ensinou e aprendeu.

A partir das atividades realizadas e das avaliações escritas e orais, constatamos que os conteúdos científicos apresentados e refletidos coletivamente foram absorvidos e incorporados tanto por estudantes de ensino médio quanto por docentes e pré-docentes envolvidos. A oficina despertou o desejo de conhecer mais as teorias sobre gênero e sexualidade, entender o que é "ser mulher" ou "ser homem" e, portanto, fez com que o grupo de estudantes superasse o senso comum e se propusesse a superar as ideias preconceituosas recorrentes, e o uso diversificado e intercalado de estratégias de ensino contribuiu significativamente para esse sucesso.

O “Jogo de Gênero”, embora tenha provocado muitas dúvidas na sua resolução, levou estudantes a mobilizar seus/suas professores/as para esclarecer os conceitos de sexo e gênero, ampliando o interesse por essas questões. Outro aspecto importante vinculado a essa atividade é que os conteúdos teóricos foram apresentados posteriormente à realização do jogo. Na avaliação dos participantes, foi possível constatar a eficácia dessa estratégia, pois o jogo estimulou-lhes a curiosidade e o desejo do aprofundamento no tema, bem como promoveu satisfação pelo aprendizado. Em algumas avaliações, os/as participantes ressaltaram que aprenderam a diferenciar gênero, sexo, sexualidade e outras categorias a partir da oficina.

Os/as estudantes escreveram diferentes finais para a história “No país de Blowmink” (PICAZIO, 1998), mas um aspecto chamou a atenção. Os conteúdos abordados na oficina, embora pouco aprofundados em função do tempo, foram assimilados por grande parte do grupo. Como evidenciam alguns finais para a história apresentados pelos/as estudantes: dar liberdade de escolha de ficar junto ao casal heterossexual; mesmo indo contra a norma social (proibindo o relacionamento entre pessoas do sexo oposto), estas pessoas são normais; os pais deveriam ficar ao lado de seus filhos heterossexuais e entender que a orientação sexual não está necessariamente vinculada ao sexo

instituições de ensino superior de Santa Catarina (UFSC, UFFS, UNIPLAC e UNISUL) e é coordenado pelas professoras Miriam Pillar Grossi e Tânia Welter.

biológico ou em conformidade com as normas sociais; que o casal deveria seguir a norma social e esperar até a maturidade para fazer sua escolha.

Na realização do “dispositivo” do lixo, percebeu-se que muitos estudantes já tinham incorporado a noção de diversidade em seus discursos. Importante ressaltar que eles não sabiam que teríamos acesso aos discursos escritos, o que nos leva a concluir que foram elaborados de forma mais espontânea do que seguindo uma orientação “politicamente correta”. Destacamos os comportamentos, atitudes, noções ou experiências, descritos pelos participantes, que gostariam de jogar fora: “não podemos julgar as atitudes de quem não é hetero”, “machismo”, “homofóbicos/homofobia”, “preconceito”, “preconceito contra qualquer coisa *fora do normal* (homossexual, transexuais, travesti...)”, “julgar pessoas sem conhecer”, “intolerância”, “na sociedade tem aqueles que excluem um homossexual de atividades sociais e também aqueles que batem naqueles que gostam de pessoas do mesmo sexo por preconceito”, “cada pessoa faz o que quer da vida – tchau preconceito”, “preconceito contra homossexuais”, “pessoas sem vida social, que a sociedade tem preconceito contra homossexuais do jeito que se relacionam com outras pessoas do mesmo sexo”, “a sociedade e seus preconceitos contra homossexuais/transexuais/ bissexuais”, “preconceito contra andróginos”, “preconceito contra as orientações sexuais”, “preconceito contra homossexuais e negros”, “homofobia/homofobia/homofobia”.

Alguns estudantes procuraram a coordenação da oficina para agradecer a oportunidade de expor suas dúvidas e angústias. Esta ação, somada as avaliações dos/as participantes, nos leva a concluir que a oficina foi exitosa, pois oportunizou estudar, refletir e problematizar coletivamente as categorias de gênero e sexualidade.

A insistência dos/as participantes no fato de que espaços de diálogo como esse deveriam ser mais recorrentes nas escolas nos colocou a importância e a responsabilidade do trabalho realizado. Falar sobre gênero e sexualidade é desafiador, pois traz a tona experiências pessoais, coloca em xeque valores, padrões sociais, estimula e desafia para mudanças. A avaliação a seguir, escrita por um jovem estudante de ensino médio após participar da oficina, apresenta alguns aspectos desse desconforto. “A oficina foi bem divertida, aprendi coisas que nunca imaginaria que fosse causar tanta discussão em sala de aula. As pessoas dizem não se importar muito com a sexualidade dos outros, mas quando questionadas tiveram reações diferentes. Adorei a oficina as meninas que repitam mais vezes”.

Considerações Finais

Contrariando recorrentes discursos de que a escola é o espaço que reproduz e revela preconceitos, produz violências e assimetrias, o sucesso obtido pela “Oficina Gênero e Sexualidade”

nos indica que a escola pode ser o espaço de reflexão e repúdio a estes comportamentos, de produção de novos conhecimentos e estímulo à construção de relações igualitárias, tolerantes e respeitadas diante da diversidade, inclusive de gênero e sexuais.

Essa oficina atingiu os objetivos e teve bons resultados para todo o grupo envolvido. Para as coordenadoras da oficina, foi uma primeira experiência de atuação numa formação docente em gênero e sexualidade com jovens estudantes. Para a escola foi uma oportunidade diferenciada de formação sobre essas temáticas, envolvendo estudantes, docentes e outros/as profissionais da educação. A partir de sua própria avaliação, constatamos que os/as estudantes que participaram da oficina tiveram diferentes impactos. Essa oficina não só proporcionou um ambiente favorável para que os/as estudantes pudessem expressar livremente e sem julgamentos suas opiniões e dúvidas, mas também promoveu um espaço para realização de debates e construção de conhecimento coletivo; ou seja, toda a comunidade escolar foi envolvida e impactada por essa oficina.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. A participação da arte na educação e cidadania. *Agência USP de Notícias*, São Paulo, 3 abr. 2000. Disponível em <<http://www.usp.br/agen/bols/2000/rede529.htm>>. Acesso em 24 abr. 2013.
- BARRETO, A.; ARAÚJO, I.; PEREIRA, M. E. (Orgs.). *Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais*. Livro de Conteúdos. Versão 2009. Rio de Janeiro/Brasília: CEPESC/SPM, 2009.
- CARRARA, S. et al. (Orgs.). *Gênero e Diversidade na Escola: Formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais*. Caderno de Atividades. Rio de Janeiro/Brasília: CEPESC/SPM, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade. (edição revisada) *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis: UFSC/PPGAS, n. 24, 2010.
- PICAZIO, Claudio. No país de Blowmink. In: *Sexo Secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus Editorial, 1998.
- SARTORI, Ari. Origem dos estudos de gênero. In: SARTORI, Ari; BRITTO, Néli Suzana (Org.). *Gênero na Educação: espaço para diversidade*. 2. ed. Florianópolis: GENUS, 2006.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, (colocar o número e volume, se tiver) p. 5-22, jul./dez. 1990.